

# Praia e passagem grátis atraem mendigos para ES

AJ11927

Leonece Barros

Foto de Chico Guedes

## PAM atende maioria mineira

De janeiro a março deste ano, o Posto de Atendimento ao Migrante da Prefeitura de Vitória (PAM), que funciona na rodoviária, doou passagens para 233 mendigos, a maioria em grupo familiar. A média foi de 2,58 mendigos mineiros por dia que retornaram a Minas, ajudados pela Prefeitura da Capital ou Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania (Sejuc). Não entraram na conta os menores, que são encaminhados ao SOS Criança. No mínimo, o dobro dos registrados pelo PAM chega à Grande Vitória todos os dias com apoio dos postos de migrantes em Belo Horizonte e Governador Valadares.

O valor da passagem de segunda classe nos trens da linha Vitória a Minas, que percorre o Vale do Rio Doce, unindo Vitória a BH, é bem menor que o dos ônibus que fazem o mesmo percurso, ainda com a vantagem de existir meia-passagem para crianças de quatro a 12 anos. Para ir até Belo Horizonte, o adulto paga R\$ 5,55, e R\$ 3,05 para Governador Valadares. Se todos os que receberam passagens do PAM Vitória nos três primeiros meses do ano retornaram para Governador Valadares de segunda classe, foram gastos R\$ 710,65; se receberam para Belo Hori-

zonte, R\$ 1.293,15. O PAM não informou o total de destinos.

O setor de apoio ao migrante da Secretaria de Trabalho e Ação Social em Belo Horizonte não informou o número de passagens doadas às famílias carentes com destino à Grande Vitória. Segundo a funcionária de prenome Dilma, "há muito trabalho e não sobrou tempo para fazer levantamentos do total de passagens doadas de janeiro a março deste ano". Funcionários da Estação Ferroviária Pedro Nolasco, em Jardim América, garantem que é grande o número de pessoas carentes que chegam diariamente de Minas Gerais e ficam horas no terminal, sem saber para onde ir.

Anselmo Celane Sanz, 43 anos, disse que junto com a família (mulher e duas filhas de 3 e cinco anos) passaria a noite do dia 29 e madrugada de 30 de março na Estação Ferroviária Pedro Nolasco, em Jardim América. Ele havia desembarcado há quase duas horas, e ainda não sabia para onde ir e nem como ir. "Sou pernambucano, mas minha mulher é mineira. Morávamos no Bairro Saudade, em Belo Horizonte. A situação estava ruim e eu não conseguia emprego. Acabei ficando na rua".

## 'Me enganaram direitinho'

Vítimas de ilusões e ambicionando a mesma chance de outros milhares de conterrâneos mineiros que viajam para o Espírito Santo e curtem as praias no período de verão, dezenas de mendigos de Belo Horizonte e Governador Valadares são induzidos a vir para a Grande Vitória, inclusive ganhando passagens. Chegam ao Espírito Santo cheios de curiosidade com o mar e pensam encontrar uma vida melhor por aqui. A maioria dos entrevistados espera mais tranquilidade e segurança do que teria no Rio de Janeiro e São Paulo. Adoram Belo Horizonte, que garantem ser a melhor das cidades, mas infelizmente não tem praias. "Só falta isso", dizem eles.

Joabe Cerqueira Lemos, de 43 anos, Francisca Souza Lemos, 36, e o casal de filhos, Manoel Souza Lemos, dois, e Cristina Souza Lemos, de oito meses, moram há quase 15 dias embaixo da Segunda Ponte, em Jardim América. São mineiros de Belo Horizonte e chegaram a Vitória de trem. "Estava morando num canto de rua lá em Minas. Me deram passagem e disseram que por aqui eu poderia melhorar de vida e cuidar de minha família. Não consegui nada ainda. Não tinha para onde ir quando cheguei e me abriguei por aqui mesmo. A gente pede daqui e dali e consegue umas coisas para as crianças comerem", disse Joabe.

Ele já conhecia a praia, mas sua mulher não. "Já fomos lá na Praia da Costa", disse ele.

A história de Celso Gomes Seixas, 39 anos, com mulher e três filhos, todos de Governador Valadares, não é diferente. "Tinha muita dificuldade lá em Minas. Eu morava no interior e resolvi vir para a cidade. Sei fazer panelas, mexo com fundição e faço pás com latas de óleo para colher lixo. Ganhei passagem para vir para cá. Me disseram que aqui eu arranjaria uns biscates. A coisa aqui está quase pior que lá, me enganaram direitinho", disse Celso. Ele estava com a família em Jardim América, dormindo na calçada, ao lado do estádio da Desportiva Ferroviária.

Ainda com algum dinheiro, Ronilton Nunes Procópio, 21 anos, passou a primeira noite com a família na Praça Duque de Caxias, centro de Vila Velha. Ele estava com a mulher, quatro filhos e um cunhado. Ele morava na Zona Rural de Belo Horizonte. Vendeu sua parte numa lavoura e veio para a Grande Vitória. "Ainda não sei o que vou fazer. Vim para cá porque meu pai era daqui e sempre falou das facilidades da região. Eu sou amansador de animal e espero encontrar uma fazenda para trabalhar. Dormi na praça porque o dinheiro é pouco. Hoje vou dar uma volta na praia para ver e mostrar aos meus filhos", disse Ronilton.



Nos trens de carga, centenas de menores arriscam o seu destino em viagens clandestinas durante a madrugada

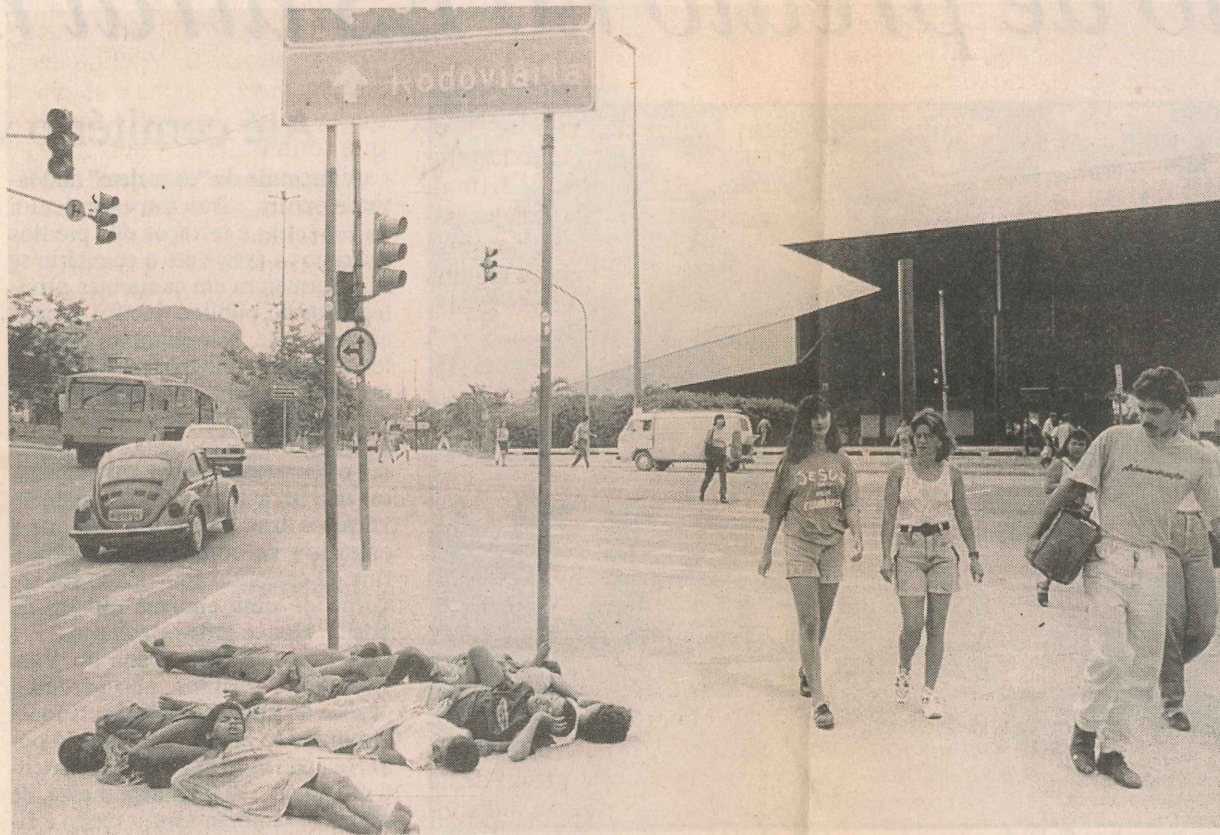
As praias da Grande Vitória, que oferecem mais segurança que as do Rio de Janeiro e São Paulo, e a presença de muitos turistas funcionam como fortes atrativos para dezenas de mendigos e menores de rua que diariamente chegam à região com a expectativa de uma vida melhor. Segundo a responsável pela triagem no Posto de Atendimento ao Migrante (PAM) da Rodoviária de Vitória, Zeni Cardoso, mais de 90% dos 233 mendigos de Minas Gerais que ganharam passagens este ano para retornar às cidades de origem vieram para a Grande Vitória com o apoio das secretarias de Ação Social de Belo Horizonte e Governador Valadares. "Principalmente as famílias de mendigos, inclusive com crianças de colo, vieram de Valadares e Belo Horizonte com passagens fornecidas por órgãos oficiais de Minas Gerais. Eles vêm para cá com a falsa informação de que conseguirão viver melhor, por ser uma capital com praias, onde é mais fácil arranjar emprego. Depois de algum tempo de ilusão, pedem ajuda para retornar às suas cidades", explicou Zeni Cardoso. Durante duas semanas a reportagem de A GAZETA acompanhou grupos de famílias de mendigos e menores de rua na Grande Vitória e constatou que quase todos os entrevistados e contatados são de Minas Gerais, vindos de Belo Horizonte e Governador Valadares, respectivamente. O acesso fácil através dos trens de passageiros da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Nos primeiros dias, sem nenhuma previsão de sobrevivência, os mendigos dormem embaixo da Segunda Ponte, que fica próxima à estação ferroviária; depois se espalham pelas praças, construções ou casarões abandonados e ruas de Vitória, Vila Velha e Cariacica, gerando um problema social para as prefeituras locais.

# Menores fogem da Polícia e da morte

## Clandestinos no trem de carga

## Vigia garante sono seguro

Foto de Nestor Muller



Quando chega o cansaço, qualquer lugar serve para os menores dormirem, seja sob pontes ou no meio de calçadas

Vitória não serve apenas para o abrigo de mendigos de Minas Gerais. Alguns menores infratores garantem que a Polícia mineira “joga pesado” com eles e escolhem Vitória para “dar um tempo”. **Neguinho**, 16 anos, exibiu uma tatuagem com o desenho de uma caveira atravessada por um punhal cravado no alto do crânio até o queixo. A marca que trouxe da cadeia significa que já matou policial. Ele veio para Vitória curtir praia e o Carnaval e não voltou porque “ainda não limpou”, segundo disse.

Muito conversado e esperto, **Neguinho** relata que é especialista em roubar um “pisante” (tênis) e roupa de marca. Ele gosta de “dar um piau (surra)” nos moleques que são roubados. Outros amigos dele estão distribuídos “por aí”, conforme disse. Talvez na galera da Praia da Costa, Praia do Canto, Camburi e Coqueiral de Itaparica. Ele veio para o Espírito Santo clandestinamente no trem de cargas que passou em Governador Valadares e saltou em Flexal com o seu grupo. “É fácil pegar o trem em Valadares e vir para Vitória. Ainda vou ficar por aqui mais tempo porque já estou entrosado com a galera de Coqueiral”, disse **Neguinho**.

### ‘Xuxa’

Alessandra Vieira, 20 anos, conhecida como **Xuxa**, é do Bairro Saudade, em Belo Horizonte. Está há dois meses na Prainha, em Vila Velha. Não gosta de ser chamada de líder. “Quem tem líder é quadrilha ou equipe e não somos nada disso”, explicou. De qualquer forma, é ela quem manda em todos os menores de Belo Horizonte que se abrigam no Parque da Prainha, em Vila Velha. Ela disse que em Belo Horizonte mora nas casas de apoio ao pessoal de rua.

“Lá é muito bom. Somos muito bem tratados. Venho para Vitória com a galera para mudar de ares e curtir praia. Mas lá é muito melhor para viver. Só não tem a danada da praia”, disse **Xuxa**.

Todos os menores garantem que conseguem comer quase todos os dias, conseguindo dinheiro para vigiar algum carro e pedindo comida nas casas. “Eu consigo comer todos os dias, porque meus “cavalos” trazem comida para mim”, disse **Xuxa**. Ao ser acordada pela reportagem para mais algumas informações, ela pediu um tempo para acordar a menor Letícia Santos de Almeida, 13 anos, que veio com ela de BH. A ordem foi para a menina ir se “virar” para conseguir alguma coisa para o café. Em seguida deu um “tapa” em outro menor que enfiou o dedo no nariz e na boca.

“Isso é nojeira. Não gosto disso”, justificou **Xuxa**.

Valdelícia Vieira, 20 anos, que tinha chegado na noite passada de Belo Horizonte, não gostou do que **Xuxa** fez e disse baixinho que não aceitaria aquela atitude, se fosse com ela. Explicou que estava na Prainha, em Vila Velha, apenas passeando. “Vim de trem com meu namorado. Estamos apenas andando pelo mundo. Tenho uma filha que deixei com minha mãe e saí para rodar por aí. BH é melhor do que Vitória, mas não tem praia. Vou ficar só uns dias por aqui. Quando arranjar alguma grana, eu volto”, disse Valdelícia. Edmilson Vieira de Souza, 17 anos, namorado de **Xuxa**, afirma que gosta de Governador Valadares. Se lá tivesse praia, ele não viria a Vitória. “Acho o capixaba muito fingido”.

Marcelo Simplício, 15 anos, é de Montes Claros. Garantiu que fica pouco na sua cidade. “Estou sumido de Valadares e BH por uns tempos. Vim para cá desde dezembro. Encontrei uma galera legal por aqui e vou ficando às vezes aqui em Coqueiral de Itaparica e outras vezes na Praia da Costa. Adoro isso aqui. Mas só é legal nos bairros perto da praia, onde dá muita gente e os fins de semana ficam muito animados, com pagodes e muita gente circulando”, disse Marcelo.

Sandro Coelho, 15 anos, gosta de ficar em Jardim Camburi. “Eu sempre venho para Vitória e dou um tempo por aqui. É melhor que BH, porque aqui tem praia para a gente curtir. Minha galera fica sempre na Praia de Camburi. Na hora de dormir, a gente vai para a Praia do Canto, lá é mais seguro”.

Quase toda semana um grupo de menores infratores e de rua chega à Grande Vitória, numa viagem clandestina e noturna, com duração de aproximadamente oito horas. Eles aproveitam a parada dos trens da Vale do Rio Doce em Governador Valadares, Minas Gerais, e se escondem nos vagões que transportam minério de ferro ou de cargas diversas, que se destinam ao Porto de Tubarão ou Porto Velho. Quando o comboio diminui a velocidade, no Bairro Flexal, em Cariacica, ou em Carapina, na Serra, é hora do desembarque forçado.

Quando os trens param para carregar ou fazer manobras, os menores aproveitam para se alojar nos vagões de cargas ou de minério de ferro. Para conseguir viajar, eles cavam um buraco no monte de pó de minério e deitam ali. O vento durante a viagem os cobre com uma fina camada do produto. A maioria prefere os vagões com cargas. “Tem de ser vagões abertos. A gente viaja de noite e fica fácil se esconder dos guardas”, explicou Cristian Neto, nove anos.

Deivide Batista Silva, 14, é baiano mas mora em Governador Valadares. Ele disse que sua galera sempre vem para Vitória nos vagões de minério. A viagem tem de ser feita à noite. “É mais fácil de enganar os guardas. Além disso, de dia o minério esquenta com o sol forte e a gente pode morrer de tanto suar. Aquele pó gruda na pele e pode matar a gente sufocado. Viajando durante a noite, quando o dia está amanhecendo, chegamos num local com muitas linhas e onde os trens param e fazem manobras. Aí a gente salta e vem de ônibus para perto das praias”, explicou Deivide.

Tem adulto que também vem para Vitória no mesmo esquema. Carlos Lima Lopes, 26 anos, do interior de Valadares, disse que veio no trem de carga. “Eu não consegui uma passagem e nem tinha dinheiro para vir. Aproveitei a dica de uns meninos que fazem sempre isso e viemos juntos num vagão aberto. Viajamos de noite e foi fácil se esconder quando passávamos pelas estações. Mas fez muito frio”, disse Lopes. Ele teve problemas com a mulher e resolveu “desaparecer” por uns tempos.

Dormir na rua, além de exigir coragem, requer alguns cuidados, dos quais depende a segurança de todos. Onde houver um grupo de mendigos e principalmente se houver mulheres entre eles, sempre haverá alguém em alerta e pronto a perceber a aproximação de qualquer pessoa estranha. Entre os grupos de mendigos visitados, ninguém se surpreendeu com a chegada da reportagem.

Segundo Reinaldo Seabra, que dormia com a mulher e outros seis mendigos sob uma marquise no Bairro Jardim América, “é preciso ter sempre alguém alerta, porque nem todo mundo gosta de pobre e faz malvadezas” enquanto ele dorme. “Alguns colocam cigarros acesos entre os dedos dos pés da gente. Outros jogam cigarros acesos sobre a gente quando passam de carro. Tenho um amigo, lá em Carangola, que foi queimado com cigarro que incendiou seu cobertor”, explicou Reinaldo.

Gerardo Borges, 26 anos, era vigia do grupo que dormia embaixo da Segunda Ponte, em Jardim América. Ele estava acordado enquanto dormiam um menor, uma mulher e um homem com as duas pernas amputadas. À 0h45m, quando foi abordado pela reportagem, ele se preparava para comer arroz com peixe, que havia preparado num fogão improvisado com pedras. “Enquanto o pessoal dorme, eu fico vigiando. É perigoso ficar todo mundo dormindo. Tem gente covarde aí pelas ruas. Roubaram a cadeira de rodas do meu amigo enquanto ele dormia. Eu e a mulher dele temos que carregá-lo. Pede uma cadeira para ele pelo seu jornal”, solicitou Gerardo.

Entre os menores, o cuidado é quase nenhum. A reportagem encontrou alguns deles em casarões na Praia da Costa, no Parque da Prainha, em Coqueiral de Itaparica e próximo à rodoviária de Vitória. Alguns precisam ser sacudidos para acordar e, mesmo assim, demoram algum tempo para perceber o que está ocorrendo. Independente do lugar, dormem até tarde: sob abrigo de ônibus, na Ilha do Príncipe; embaixo de barracas, em Coqueiral de Itaparica; na areia da Praia da Costa; na Praça Costa Pereira, em Vitória; e em qualquer calçada da cidade.